CONTO: O ESPELHO, DE MACHADO DE ASSIS

CARNEVALLE, Arla Ravagnani
Faculdade Santa Lúcia
arlacarneva@gmail.com

PAIVA, Khadija Ferreira
Faculdade Santa Lúcia
khadija_oliveira@outlook.com

SILVA, Fabiano Correa da
Faculdade Santa
fabianocosilva@gmail.com

RESUMO

Este artigo busca apresentar um diálogo entre a psicanálise e o texto de Machado de Assis, "O Espelho", apresentando as características iniciais do autor, sua forma de linguagem escrita, seu estilo literário e como seus textos se destacam pela utilização de conhecimentos psicológicos. Através da psicanálise lacaniana, será apresentado uma leitura do texto de Machado a partir desse olhar do Outro e da teoria do Espelho, buscando demonstrar como a literatura e a psicanálise "atravessa os séculos" e colabora para a compreensão da psique humana. Além disso, o artigo trará um panorama cultural da época de Machado, apresentando o Realismo e a Filosofia como bases que construíram o pensamento machadiano.

PALAVRAS-CHAVE: *psicanálise; Lacan; Machado de Assis; literatura; estágio do espelho; filosofia; realismo.*

INTRODUÇÃO

Joaquim Maria Machado de Assis (1839–1908) é, por consenso da crítica brasileira, o maior nome da literatura nacional. Autodidata, neto de

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

escravos alforriados, gago e epilético, ele construiu uma obra que rompeu com o romantismo sentimental de sua época e inaugurou, no Brasil, uma ficção madura, irônica e devastadoramente lúcida sobre a natureza humana. A alcunha "Bruxo do Cosme Velho" – em referência ao bairro carioca onde viveu – não é gratuita: sugere um autor que parecia enxergar além da superfície das coisas, decifrando os mecanismos ocultos da vontade, da vaidade e da hipocrisia que movem seus personagens (grifos nossos). O apelido consagrou-se, assim, por sintetizar duas características centrais de Machado: a discrição de sua vida pessoal, recolhida e avessa a holofotes, e a genialidade quase inexplicável de sua escrita – como se possuísse um dom sobrenatural de leitura da psique alheia. Enquanto contemporâneos europeus buscavam explicações deterministas (raça, meio, momento) para o comportamento humano, Machado optava por um caminho mais ambíguo e inquietante: mostrar que a mente humana é um território minado de contradições, onde razão e interesse pessoal se disfarçam mutuamente. E foi no poema-homenagem "A um bruxo, com amor", de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1959 no livro A Vida Passada a Limpo, na passagem central, Drummond nomeia Machado como "bruxo alusivo e zombeteiro", capaz de revolver enigmas dentro do próprio poeta que o visita (grifos nossos). É esse verso, especificamente, que consolidou a alcunha no imaginário literário brasileiro – antes um apelido de círculo restrito, depois um epíteto quase oficial.

2. CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS CENTRAIS

A ironia e o humor corrosivo estão entre as características mais marcantes da escrita de Machado de Assis. Mais do que simples recursos estilísticos, esses elementos funcionam como instrumentos de crítica social e moral. Em diversas obras, o narrador estabelece um diálogo irônico com o leitor, questiona a própria narrativa e coloca em questão os valores que sustentavam a sociedade burguesa do Segundo Reinado.

Outra característica importante é a presença de narradores não confiáveis. Em Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881), por exemplo, um defunto-autor apresenta sua própria trajetória a partir de uma perspectiva marcada pela ironia e pela melancolia, selecionando e reinterpretando os acontecimentos de acordo com sua própria visão. Em Dom Casmurro (1899), Bentinho também constrói uma narrativa subjetiva, na qual procura convencer o leitor da suposta traição de Capitu, embora não apresente provas definitivas.

Também se destacam em sua obra o uso da digressão e da metalinguagem.

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

Machado frequentemente interrompe o desenvolvimento da história para conversar diretamente com o leitor, comentar o próprio processo de escrita ou apresentar reflexões filosóficas. Esses recursos antecipam técnicas narrativas que se tornariam mais frequentes na literatura do século XX.

O livro Memórias Póstumas de Brás Cubas, observa-se também a presença de um forte ceticismo e de uma visão pessimista acerca da natureza humana. Machado apresenta o ser humano de maneira desencantada, destacando sentimentos como o egoísmo, a vaidade e o interesse pessoal. Muitas vezes, essas características aparecem escondidas por trás de discursos de virtude, amor ou sentimentalismo, revelando as contradições entre aquilo que as pessoas afirmam ser e suas verdadeiras motivações.

Por fim, destaca-se a sutileza de sua crítica social. Machado de Assis não recorre a discursos explícitos ou panfletários para denunciar os problemas de seu tempo. Ao contrário, utiliza a ironia, a observação do cotidiano e a construção de personagens para revelar as contradições de uma sociedade marcada pela escravidão e pelo patriarcado.

2.1 O olhar psicológico: Machado como precursor

O que torna Machado singular – e justifica sua leitura como um "bruxo" da mente – é a antecipação de mecanismos psíquicos, (Peres, 2018, grifos nossos) tais como:

Autoengano e racionalização. Seus narradores raramente mentem de forma deliberada; eles se convencem de suas próprias distorções. Bentinho, em Dom Casmurro, é o exemplo mais estudado: constrói ciumento uma narrativa retrospectiva que talvez diga mais sobre sua própria insegurança do que sobre a traição de Capitu.

Ambivalência afetiva. Personagens como Brás Cubas ou Rubião (Quincas Borba) revelam sentimentos contraditórios simultâneos – afeto e desprezo, generosidade e cálculo – sem que o texto ofereça uma resolução moral clara.

Loucura e razão como fronteiras tênues. Em "O Alienista" (1882), a ciência médica torna-se instrumento de poder arbitrário: o Dr. Bacamarte redefine constantemente os critérios de sanidade até que quase toda a cidade seja internada – uma reflexão precoce sobre os limites entre normalidade e patologia, saber e autoritarismo (grifos nossos).

A vaidade como estrutura psíquica. Em contos como "O Espelho" e "Teoria do Medalhão", Machado explora como a identidade humana depende do olhar alheio, antecipando noções que a psicologia social desenvolveria muito depois, sobre o eu como construção relacional (grifos nossos).

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

3. LEITURA PSICANALÍTICA DO CONTO "O ESPELHO"

Publicado em 1882 (depois incluído em Papéis Avulsos), "O Espelho" narra a teoria de Jacobina, um velho alferes, segundo a qual todo ser humano possui duas almas: uma alma interior, voltada para dentro, e uma alma exterior, que existe apenas no olhar e no reconhecimento dos outros (grifos nossos). Jacobina ilustra a tese com sua própria experiência: ao ser promovido a alferes da Guarda Nacional, ele vai passar uns dias sozinho numa fazenda isolada, onde os escravos passam a tratá-lo com distância e reverência devido à farda. Quando eles somem por dias, sem ninguém para reconhecê-lo como "o alferes", Jacobina sente-se progressivamente esvaziado – até que, ao se olhar no espelho, encontra apenas uma imagem vaga, disforme, quase apagada. Só recupera sua imagem "inteira" quando volta a vestir a farda diante do espelho, restaurando artificialmente o olhar do outro que lhe faltava (grifos nossos)

Uma ressalva histórica. É importante notar que Machado escreve o conto em 1882, mais de trinta anos antes de Freud elaborar essas teorias com rigor clínico. Não se trata, portanto, de influência, mas de convergência – Machado intui literariamente processos psíquicos que a psicanálise nomearia depois com outro vocabulário. É esse tipo de antecipação que fundamenta a leitura de Machado como um autor "psicanalítico avant la lettre" (grifos nossos).

Chamar Machado de Assis de "Bruxo do Cosme Velho" é reconhecer que sua grandeza está menos na trama de seus enredos do que na precisão com que devassa a mente humana – suas vaidades, seus autoenganos, sua capacidade infinita de se justificar (grifos nossos). Antes de qualquer escola psicológica formal, Machado já havia intuído que o ser humano é, antes de tudo, um narrador pouco confiável de si mesmo.

3.1 O realismo

O realismo surgiu no século XIX como um movimento cultural e artístico que tinha como tema central a objetividade dos fatos e a crítica, buscando mostrar "as coisas como realmente são" (grifos nossos), fazendo da realidade física e social a base do pensamento, da cultura e da literatura. Além disso, teve como base o uso de filosofias e ideologias voltadas ao abandona das crenças, o desencantamento do mundo iluminista e a busca por ter uma postura e um método considerado "de acordo com a realidade" (Pellegrini, 2007, grifos nossos).

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

Os autores literários utilizavam desses conceitos para criarem suas obras, deixando de caracterizar-se pelas interpretações romancistas de antes, passando agora a utilizar do monólogo interior de consciência, a estilização, a abstração, a fragmentação, a colagem e a montagem que envolvem os personagens, que observam, sentem e transformam a realidade. Nisso, a realidade se torna concreta, real e representável, tendo ambivalências, crises, críticas e tensões humanas, que antes não eram representadas nos textos. (Pellegrini, 2007).

Observa-se, portanto, que o texto "O Espelho" de Machado de Assis corresponde ao movimento do realismo cujo personagem trás uma tensão profunda, uma cena cotidiana, uma reflexão sobre o homem e suas concepções, idealizações, além de um diálogo interno que mostra a ambivalência e ao mesmo tempo a completude entre a "alma exterior e a alma interior" (grifos nossos).

Uma das críticas que é perceptível nos textos é a diferenciação entre o que é "essência de aparência", o "real e o imaginário", que seria a ambivalência entre as coisas que eram demonstradas. Muitos literatos trouxeram personagens que demonstravam ser uma coisa, mas na verdade eram outras, que agiam de um jeito e faziam outro por "detrás" dos olhares dos outros, que queriam ser de uma maneira, mas não conseguiam, ou que simplesmente faziam com que os próprios leitores tivessem uma concepção errada do personagem, para depois entenderem a "realidade" dos fatos. Esse jogo entre "aparência e essência" iremos compreender como parte da filosofia, das reflexões de Friedrich Nietzsche sobre esses conceitos, e que será aprofundado no texto de Machado de Assis (grifos nossos).

3.2 Essência e aparência

Como dito anteriormente, a filosofia também foi importante para a criação base do movimento do realismo, e queremos trazer um filósofo que abordou essas concepções e trouxe reflexões importantes que utilizaremos também nos próximos textos a respeito da psicanálise.

Friedrich Nietzsche constrói uma reflexão a respeito da realidade, dizendo que ela não é objetiva e absoluta, mas é uma construção psicológica, subjetiva e biológica, ou seja, o homem passa a enxergar o mundo ao seu redor com critérios fisiológicos (Neves, 2024). Por isso, a realidade se torna apenas aparência, uma necessidade do ser humano de encontrar sentido nas coisas, sendo moldada à nossa maneira de interpretá-la. No texto "O Espelho", o personagem demonstra essa aparência de forma muito interessante,

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

explicando que a "alma exterior" é aquela que ele vê de "fora para dentro", que tem uma certa influência, que vê, que está ali, que pode ser "qualquer coisa" para cada pessoa, de forma particular, porém, existe a "alma interior" que olha de "dentro para fora", ou seja, aquela que é unida à exterior e que, portanto, podemos identificar como aquela que dá "sentido nas coisas", que torna a "aparência" como algo real (grifos nossos).

Entretanto, Nietzsche (2017) explica que a essência não é o contrário da aparência, assim como Machado revela sobre a alma interna e externa, mas elas se completam, e a essência vai sendo revelada a partir da aparência. A que olha de dentro para fora vê sentido, completude, conhecimento, verdade, e a que olha de fora para dentro consegue, muitas vezes, confirmar essa essência e fazê-la tornar-se real, algo que é em si mesmo, em sua personalidade, afirmando o que está no interior (Neves, 2024).

Esse será o cenário em que adentraremos para compreender mais profundamente a relação entre a literatura e a psicanálise.

3.3 O espelho em Lacan

Na teoria Lacaniana, o estágio do espelho é o momento inicial onde a criança é capaz de ir se identificando e criando sua personalidade, utilizando dessa figura simbólica – espelho – como forma de explicar como ocorre essa constituição do sujeito. No texto de Machado de Assis é possível identificar esses traços da teoria lacaniana, utilizando da linguagem da literatura para demonstrar de forma simbólica esse conceito. O interessante é que, como dito antes, o autor não conhecia a psicanálise quando escreveu este texto, porém, hoje podemos utilizar da literatura para o conhecimento do ser humano em sua forma mais profunda, inconsciente.

Dentro da teoria do espelho observa-se a noção de narcisismo primário que se faz necessário para a constituição do sujeito. Inicialmente, a criança não tem um eu construído e não se tem a distinção entre esse eu com os objetos. Para isso, então, é preciso que haja um retorno libidinal, e esse retorno faz com que o "Eu seja tampado pela via da imagem, mas tal imagem é constituída somente a partir do investimento do outro" (Batista, 2013, p.8)

Esse investimento do outro causa a alienação no sujeito, pois o caracteriza como perfeito e completo, e por isso Lacan explica que há uma onipotência no Outro. "É a partir dele que o Eu assume uma posição de potência: é pelo retorno invertido de sua imagem pelo Outro" (Batista, 2013, p.8).

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

A alienação se faz necessária para que o sujeito consiga sair da angústia do despedaçamento, visto que inicialmente a criança não se vê de forma completa, com seu ser constituído, mas se vê em pedaços, fragmentado. Na alienação do outro, nessa imagem especular, a "Gestalt é responsável pela condução do processo de constituição do eu", porém, "é ilusória, vem alicerçada sobre um fundo inapelável de alienação" (Sales, 2005, p.116). E esse narcisismo comporta um gozo, uma ilusão de certo controle ou domínio de si, autonomia (Batista, 2013).

Entretanto, o outro, que aqui iremos mencionar a figura materna, irá falhar, perdendo essa onipotência, e o sujeito percebe que há uma falta. Essa falha da mãe faz com que o sujeito busque uma compensação para sua frustração, encontrando no seu objeto de satisfação algo que possa assumir o lugar de sua mãe, chamado por Lacan como objeto a. Nesse sentido, qualquer coisa pode ocupar esse lugar da falta, sendo vários os objetos que podemos adquirir como sendo parte da mãe. Um desses objetos a é a palavra, o simbólico. Com isso, "a impossibilidade de satisfação da falta da mãe como dom é efeito da estrutura simbólica que age na pulsão, de modo que a necessidade de satisfação da pulsão passe a ter um status de demanda, numa busca de amor" (Batista, 2013, p.15).

Por isso, o processo de alienação continua existindo mesmo depois da "finalização do estágio do espelho", visto que o "processo de alienação característico ao eu, buscando no Outro sempre a complementariedade, tentando tampar a perda já ocorrida, aquilo que lhe falta de estrutura" faz parte da constituição do sujeito e da sua forma se relaciona com a realidade e o outro (Batista, 2013, p.21).

Sendo assim, o objeto a faz com que haja uma repetição narcísica no desejo de reaver o Eu ideal e ter o objeto perdido, porém, como não é possível ter o objeto de amor idealizado, a idealização se dissipa por meio da queda do objeto a, gerando a frustração (Batista, 2013).

4. O ESPELHO DE MACHADO DE ASSIS

Relacionando a teoria de Lacan com o texto de Machado, percebe-se a necessidade narcísica de Jacobina de receber o amor das pessoas, e isso através de um título que recebeu de Alferes. A figura do outro, sendo a D. Marcolina (tia), é o onipotente, aquele que determina como deveria ser Jacobina, colocando nele uma expectativa idealizada, potente e completa, como se lê no trecho: "eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o 'senhor alferes' " (Assis,

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

1882, p.3). E essa onipotência da voz do outro na vida do personagem faz com que ele mesmo exclame "o alfares eliminou o homem" (Assis, 1882, p.3), pois aqui ele entra na alienação, na ilusão, na aparência (como dizia Nietzsche), que foi construída a partir do olhar do outro.

E isso se mantém até o momento em que a D. Marcolina precisa se retirar de cena, ou seja, demonstra a falta. Essa falta torna o personagem confuso e angustiado, pois se sente perdido por não ter mais esse investimento do outro, relatando que "desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim" (Assis, 1882, p.4). Achou-se só, sem o outro que era o objeto de seu gozo, de sua completude. O interessante é que nos seus sonhos ele buscava sempre essa completude, o que Lacan explica como algo natural ser percebido nos conteúdos oníricos essa manifestação, como se vê no trecho "nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam a garbo, que me chamavam alferes" (Assis, 1882, p.5).

Ele sentia falta das pessoas (outro) que o elogiavam, que o davam "atenção", que o tinham como referência, enfim. Porém, quando todos vão embora, inclusive os escravos, ele se vê sozinho e a solidão toma uma proporção enorme, que o faz se sentir em completo vazio existencial (grifos nossos). Mas, nesse vazio, ele se depara com o espelho.

No espelho acontece a construção da identidade. Primeiro, o personagem explica que via uma figura distorcida, difusa e até mesmo tinha medo de olhar para o espelho e "achar-me um e dois" (grifos nossos). Essa é a fase inicial do bebê, quando sua imagem não está construída e ele mesmo se vê dessa forma, fragmentado. Porém, Jacobina tem uma ideia que torna a construção de sua identidade efetiva: ele se veste de alferes. Em se vestir dessa forma, percebe-se que aqui ele está pegando os fragmentos de si mesmo, daquilo que lhe impuseram, e constrói isso ao se vestir, pedaço por pedaço, usando daquele investimento do outro para o Eu se constituir.

Com a falha do outro, Jacobina busca conforto no objeto a que se torna o próprio título de alferes. Percebe-se que o símbolo "alferes" busca ajudar o personagem a lidar com essa falta do outro, tornando então o objeto de gozo, de amor, que o fez suportar a ausência do outro, como ele mesmo diz que "vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho... com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão sem os sentir..." (Assis, 1882, p.6)

Ele começa a dar sentido à sua realidade, a realidade que ele mesmo construiu dentro de si e que lhe fora colocado pelo outro, como Nietzsche (2017) explicou a respeito da essência e aparência, fazendo com que a

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

aparência fizesse parte dessa essência e vice-versa, assim como a alma exterior se completava com a alma interior. As coisas foram sentidas, vividas, e o personagem construiu sua identidade a partir do outro, daquele que investia, e diante de sua ausência, ele precisou recriar um mecanismo que o fizesse suportar a falta, sendo o "alferes" o objeto de seu gozo e completude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que os textos de Machado de Assis, em especial "O Espelho", mesmo que tenha sido feito a 30 anos antes do surgimento da psicanálise, já nos leva a perceber que a teoria psicanalítica atravessa os séculos, além da própria literatura, que quando são relacionadas entre si demonstram a grande importância das questões subjetivas do ser, a sua constituição, sua particularidade, assim como a influência da cultura e da filosofia dentro desses âmbitos do saber (grifos nossos).

Importante frisar que a literatura proporciona às pessoas analisá-la de vários "olhares", e isso faz com que a arte da escrita perpetue por séculos, sempre trazendo algo novo, reflexões, direções, críticas, enfim, sempre poderá ser vista como "nova" a cada tempo que passa (grifos nossos). E quando falamos da psicanálise, compreendemos que, desde de tempos, a teoria já era vista, percebida e que foi tomando sua forma conforme as coisas foram evoluindo, ou seja, é uma teoria séria, importante e que, de fato, explica o ser humano de uma maneira excepcional.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M de. Contos: "O Espelho". ***In:*** Papéis Avulsos, 1882.

BATISTA, C. F. **Do Eu-Ideal à singularidade**. Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

NEVES, R. S. das. Nietzsche e a realidade enquanto aparência. **Annales FAJE.** Belo Horizonte, v. 9, nº 1, 2024.

PELLEGRINI, T. **Realismo:** postura e método**. Letras de Hoje.** Porto Alegre, v. 42, nº 4, p. 137-155, 2007.

SALES, L. S. Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário. **Revista do Departamento de Psicologia**. UFF, v. 17, nº. 1, p. 113-127, 2005.

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026